

excessivas são os componentes das constantes reclamações dos coloniais às autoridades competentes. Uma das mais constantes reclamações são contra os funcionários da Direção e da Junta que aproveitam sua posição de administradores da Companhia para se macomunarem com atacadistas fornecedores ou arrematadores dos produtos comercializados pela companhia explorando os consumidores. Quando o prazo de vigência da companhia chegou ao seu final — 1780 — outra já era também a situação política portuguesa. Com o falecimento de D. José I, Pombal foi afastado e sua política revista por D. Maria I. Um ofício da Junta Administrativa comunicava à rainha haver expirado o prazo de duração da Companhia. Nem sequer se fez menção à possibilidade estatutária de prorrogação do privilégio.

A liquidação da companhia se arrastou por muito tempo e a cobrança de suas dívidas chegou até o século XX. O saldo credor ultrapassava os mil contos de réis, e no que concerne aos devedores pernambucanos, foi sempre um assunto penoso de ser tratado, o pagamento das dívidas. “A sua cobrança que se prolongou por vários decênios, envolvendo devedores de várias camadas sociais, é um fator que não pode ser negligenciado no estudo dos movimentos insurreccionais de 1817, 1824 e da participação nordestina na abdicação, em 1831” (p. 207).

O estudo de José Ribeiro Júnior está alicerçado em pesquisa de documentos originais em arquivos portugueses e brasileiros e em bibliografia especializada. Quanto àqueles, percebe-se o seu esforço de crítica e de síntese e quanto a esta, não fica no conformismo de suas informações mas procura corrigi-las e contra argumentá-las resultando no conjunto a elaboração de um trabalho original.

Com a publicação deste trabalho, enriquece-se a historiografia colonial brasileira e dispõem os professores de um texto de base para analisar a colonização e o monopólio portugueses no nordeste brasileiro.

DIÓRES SANTOS ABREU.

\* \* \*

\*

LOBO (Eulália Maria Lahmeyer). — *As frotas do Brasil*, in “Jahrbuch für Geschichte von Staat, Wirtschaft und Gesellschaft Lateinamerikas”, Köln, 4; 465-488, 1967.

A autora inicia o trabalho descrevendo a gama de vicissitudes pelas quais passaram as frotas do Brasil através dos tempos, desde o século XVI ao século XIX, ou melhor, até 1801, ano em que desapareceram.

Sua importância para o comércio do nosso país foi indubitável, uma vez que, “além de atenderem às necessidades de defesa, apresentavam certa flexibilidade” e frequência.

Havia três frotas principais: do Rio de Janeiro, da Bahia e de Pernambuco e uma quarta, de menor importância, a do Maranhão e Grão-Pará.

Além de frequentes, as frotas contavam bom número de embarcações. Graças a elas, a Bahia manteve intenso comércio com o Oriente — China e Índia — com a África e Portugal, em especial como grande centro distribuidor de açúcar, ouro e tabaco. O Rio de Janeiro constituía-se em importante centro de redistribuição de produtos e de mão-de-obra, enquanto Pernambuco exportava produtos agrícolas e importava escravos. Na frota do Maranhão e do Grão-Pará, organizada em 1750, predominava a exportação de drogas, cacau, café e a importação de escravos.

Resulta do exame e estudo a partir de levantamentos de fontes diversas, que, se a importância do Brasil como exportador e consumidor das novas manufaturas e dos tradicionais artigos de consumo foi crescente, as frotas não foram um entrave, mas, muito pelo contrário, elemento essencial do comércio.

A bibliografia relacionada ao assunto é apresentada em notas de rodapé.

EUZA ROSSI DE AGUIAR FRAZÃO.

\* \*

\*

MOYAL (Ann Mozley). — *Scientists in Nineteenth Century Australia — a documentary History* (Melbourne: Cassel Australia, 1976).

Como se desenvolve a ciência em países periféricos? Em artigo bastante conhecido, publicado em *Science* no ano de 1967, George Basalla (1) propõe uma teoria de três estágios. O primeiro, ao longo do século XIX, é o das expedições científicas aos novos continentes. É a época em que o Brasil é visitado por Humbolt, Saint Hilaire, von Martius, Spix, Darwin, Agassiz e tantos outros (2). Em um segundo momento, começa a se desenvolver a ciência colonial. E a continuação dos trabalhos de história natural, mas já agora por cientistas radicados na periferia, que trabalham em estreita dependência com os grandes centros. Finalmente, em um terceiro estágio, há o estabelecimento de instituições de pesquisa e ensino próprias, que permitem o desenvolvimento de tradições autônomas de trabalho científico.

---

(1). — George Basalla, "The Spread of Western Science", *Science*, 1967 (vol. 156, pp. 611-22).

(2). — Uma descrição das expedições estrangeiras no Brasil se encontra em Cândido de Mello Leitão, *História das Expedições Científicas no Brasil* (Col. Brasileira, vol. 209-1941. Existem várias outras sobre as explorações na América do Sul, inclusive o recente livro de E. J. Goodman, *The Explorers of South America* (New York, Macmillan, 1972).